



## TRAÇADOS ARACNIANOS: O TRABALHO DE FERNAND DELIGNY COM CRIANÇAS AUTISTAS

*TRAZOS ARÁCNICOS: EL TRABAJO DE FERNAND DELIGNY CON NIÑOS AUTISTAS*

*ARACHNIAN TRACINGS: THE WORK OF FERNAND DELIGNY WITH AUTISTIC CHILDREN*

Álec Jung<sup>1</sup>

Édio Raniere<sup>2</sup>

### Resumo:

O presente artigo tem como objetivo explorar o trabalho do autor francês Fernand Deligny (1913 - 1996), ainda pouco estudado no Brasil, na sua atuação com crianças no espectro autista. O artigo mostra a visão do autor sobre o autismo bem como sobre a humanidade de forma geral, fazendo uma análise de sua obra "O Aracniano e Outros Textos". Na sua maior obra, o autor e educador cria e oferece um espaço onde essas crianças possam existir livremente, sem que alguém tente curvá-las à perspectiva da norma. O estudo sobre a obra foi feito utilizando o método bibliográfico, consistindo em análise, revisão sistemática e fichamento de seu livro e artigos de outros autores relacionados ao trabalho do autor francês com crianças no espectro. Deligny apresenta uma nova maneira de olharmos para o modo de ser autista, colocando em xeque a ideia que temos de humano e de sujeito, e abrindo portas para pensarmos outros modos de existência que escapam ao agir do humano consciente de ser.

**Palavras-chave:** Projeto Pensado; Linhas de Erro; Sujeito-Que-Somos.

### Abstract:

This article aims to explore the work of the French author Fernand Deligny (1913–1996), still little studied in Brazil, focusing on his practice with children on the autism spectrum. It examines Deligny's understanding of autism as well as his broader reflections on humanity, analyzing his work *The Arachnian and Other Texts*. In this major work, Deligny creates and offers a space where these children can exist freely, without being bent to conform to the norm. The study was conducted through a bibliographic method, including analysis, systematic review, and annotation of his book, along with articles by other authors related to Deligny's work with autistic children.

<sup>1</sup> Psicólogo formado pela Universidade Federal de Pelotas - UFPel. <https://orcid.org/0009-0000-6085-5172>. [alecramson1@gmail.com](mailto:alecramson1@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutor em Psicologia Social e Institucional pela UFRGS. Pós-doutor em Filosofia pela Université Paris-Nanterre. Professor na Universidade Federal de Pelotas - UFPel. <https://orcid.org/0000-0002-0216-678X>. [edioraniere@gmail.com](mailto:edioraniere@gmail.com).

Deligny proposes a new way of looking at the autistic mode of being, questioning prevailing notions of the human and the subject, and opening possibilities for thinking about alternative modes of existence that elude the actions of the conscious human self.

**Keywords: Key-words:** Thought-Out Project; Error Lines; The-Subject-We-Are.

## Resumen:

Este artículo tiene como objetivo explorar la obra del autor francés Fernand Deligny (1913–1996), todavía poco estudiada en Brasil, centrando su atención en su trabajo con niños del espectro autista. El artículo analiza la visión del autor sobre el autismo y sobre la humanidad en general, a partir de su obra *Lo arácnido y otros textos*. En esta obra mayor, el autor y educador crea y ofrece un espacio donde estos niños pueden existir libremente, sin que nadie intente forzarlos a la norma. El estudio fue realizado mediante el método bibliográfico, que incluyó análisis, revisión sistemática y fichaje de su libro, así como de artículos de otros autores relacionados con el trabajo de Deligny con niños del espectro. Deligny propone una nueva manera de mirar la forma de ser autista, cuestionando la idea que tenemos de lo humano y del sujeto, y abriendo posibilidades para pensar otros modos de existencia que escapen a la acción de la conciencia humana.

**Palabras clave:** Proyecto Pensado; Líneas de Error; Sujeto-Que-Somos.

## Introdução

Quem dita o que é normal e o que é patológico? Quem tem esse poder para dar e usar? E se pensarmos as crianças no espectro autista fora de uma lógica normativa de patologização? Que caminhos podemos traçar para nos relacionarmos de forma menos intrusiva com esses indivíduos que “negam” o modo de estar no mundo do “sujeito universal”? Tanto nos ambientes públicos, domésticos, escolares, entre tantos outros? Talvez o pesquisador e educador francês Fernand Deligny (1913-1996), ainda pouco estudado atualmente no Brasil, possa nos ajudar a traçar linhas (de fuga, de ação, de pensamento, de erro) para construir novas formas de relação com essas questões que atravessam nosso meio social.

Deligny era, além de um pesquisador, um guerrilheiro<sup>3</sup>. A sua luta de guerrilha se dava nas frentes antimanicomiais. Desde uma experiência de violência que ele presenciou aos sete anos, vinda das mãos desse padrão de sujeito dito normal, ele assume como

---

<sup>3</sup> MIGUEL, Marlon. Guerrilha e resistência em Cévennes: a cartografia de Fernand Deligny e a busca por novas semióticas deleuzo-guattarianas. **Revista Trágica: Estudos de Filosofia da Imanência**, v. 8, n. 1, p. 57, 1º quadrimestre de 2015.

trajetória de vida a luta contra essas violências, esse padrão de normatividade e todas as lógicas atreladas a ele. Luis Eduardo Aragon (2018) nos conta tal cena com mais detalhes:

Aos sete anos, há pouco órfão de pai, morto na fazenda Biette, em 1917, por conta da Primeira Guerra Mundial, (Deligny) encontra-se sozinho, retornando para casa de uma Feira em Lille, quando por entre tendas e barracas encontra uma cabana miserável, caindo aos pedaços, de tábuas unidas por um frontão e encimada por uma gaiola, como uma lanterna de popa de uma embarcação. Na gaiola, quatro ou cinco macaquinhos agachados, gelados e enfraquecidos sob o frio do norte da França. Encolhidos sobre seus ventres buscando se aquecer, com as mãos agarradas as grades, de olhos arregalados olhavam para ele. O que, o então menino, era obrigado a ver o “feria profundamente” e o atordoava de “vergonha e cólera”. Uma ruptura se deu: “lá onde minha dor foi mais grave”, o traço gravado tendo, sem dúvida, marcado o suporte tão profundamente que o atravessou. Ele não estava aterrorizado apenas por estar frente a uma violência, mas também pelo fato de que não poderia explicar para os macaquinhos que não era ele o promotor daquela atrocidade. Naquele momento era um “semelhante”, um alguém [ON], completamente sozinho no mundo com a dor de não poder se discriminar, aos olhos dos macaquinhos, deste “alguém”, de quem não era, de forma alguma, solidário (Aragon, 2018, p. 175).

Desde então, toda sua trajetória é marcada pela luta contra esse “alguém”, esse sujeito dito normal que promove guerras e violências, e que impõe seu saber-poder<sup>4</sup> sob todos aqueles que se encontram no nosso meio. Em um primeiro período, sua obra é basicamente institucional, trabalhando em setores pedagógicos e médico-pedagógicos de um asilo psiquiátrico (Armentières) e na área sócio-jurídica de um Centro de Observação e Triagem de jovens considerados delinquentes. No fim da década de 60, depois de deixar a clínica de La Borde, Deligny acaba se instalando no sul da França, em Cévennes, onde fica até o fim de sua vida (Miguel, 2015). A luta antimanicomial era o seu foco, o que fez com que ele, nesse último período de sua jornada, se aproximasse do trabalho com crianças no espectro autista<sup>5</sup>.

Segundo Souza (2019, p.3), o autismo é dividido em 3 graus<sup>6</sup>, sendo o terceiro o mais sério “por possuir déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal e causar prejuízos graves de funcionamento, limitação em iniciar interações sociais e

---

<sup>4</sup> BORDIN, Tamara Maria. O saber e o poder: a contribuição de Michel Foucault. **Saberes**, Natal, v. 1, n. 10, p. 225–235, nov. 2014

<sup>5</sup> Segundo o site da Organização Pan-Americana de Saúde, “o transtorno do espectro autista (TEA) se refere a uma série de condições caracterizadas por algum grau de comprometimento no comportamento social, na comunicação e na linguagem, e por uma gama estreita de interesses e atividades que são únicas para o indivíduo e realizadas de forma repetitiva”. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/transtorno-do-espectro-autista>. Acesso em 24 de abril de 2023.

<sup>6</sup> A partir da 5ª edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), o TEA passa a ser dividido em 3 níveis diferentes: leve, moderado e severo e que na CID-11 (última versão deste manual 2022) os diagnósticos de autismo passam a fazer parte dos Transtornos do Espectro do Autismo (6A02), que podem ser identificados nos níveis 1, 2 e 3 de suporte. O instituto inclusão brasil disponibiliza maiores informações a respeito. Acesso em: <https://institutoinclusaobrasil.com.br/dsm-5-tr-e-cid-11-diagnostico-de-transtorno-do-espectro-autista/>. Acesso em 28 de julho de 2025.

resposta mínima a aberturas sociais que partem de outros". Na época da iniciativa de Deligny, apenas as crianças que hoje estariam no nível 3 eram consideradas autistas, portanto, é sobretudo sobre o nível 3 do espectro que estaremos nos referindo ao falar de autismo.

Deligny não via as crianças autistas de modo patológico (Miguel, 2015). A lógica da patologização exige uma pré- concepção de normalidade à qual Deligny não comungava. A vida inteira de Deligny foi dedicada à quebra dessa violenta ideia de normal, que é empurrada goela abaixo, de cada novo ser humano que vem à luz, pelas figuras de autoridade pré-determinadas pelo meio social (pais, professores, médicos, juízes etc.). Para ele, o autismo é a maior expressão de oposição a essa normatividade.

Ele vê no autista um sujeito no qual o sofrimento encontra-se justamente na relação com o outro. Na sua época, as crianças consideradas "desajustadas" eram vítimas de inúmeras violências. Ou eram rejeitadas e abandonadas, enjauladas e internadas, ou eram, além de tudo isso, inseridas em lógicas de adaptação social. Essa tal adaptação mais parece uma tentativa de ajustar a pessoa às normas e costumes do considerado padrão do sujeito, independente se essa pessoa quer ou ao menos precisa disso. Para Deligny (*apud* Miguel, 2015), não importava o sujeito, mas o humano. Não esse sujeito pré-concebido que todo mundo conhece dos pés à cabeça e de cor e salteado, mas o incerto, inconstante, indescritível, múltiplo, rizomático, misterioso, humano. Na sua atitude guerrilheira contra o violento sujeito comum, Deligny achou uma potente oportunidade no "tratamento" das crianças no espectro. Dos anos sessenta até o fim de sua vida, ele se dedicou a uma *tentativa*<sup>7</sup>, a qual se baseava em deixar as crianças patologizadas totalmente livres para existir de suas formas, ou pelo menos o mais livres possível. Ele foi viver com elas em um território particular, separado do restante da sociedade comum. Marlon Miguel nos ajuda a pintar a imagem desse território:

Trata-se, em primeiro lugar, de uma organização que é de fato e concretamente em rede. Diferentes pessoas vivem em pequenas unidades (aires de séjour) espalhadas em um grande território. Essas unidades são em geral coordenadas por um ou dois adultos (présences proches) e se encontram entre cinco e vinte quilômetros de distância umas das outras. Algumas unidades são simples acampamentos, outras uma pequena chácara com horta ou criação de cabra, outras uma pequena casa com um forno para produção de pão etc... Elas são ao mesmo tempo interligadas, mas livres para experimentar como quiserem a vida no território. As crianças são livres para vagar por todo o território da rede e uma vez por semana pelo menos as presenças próximas se reúnem em uma das unidades, o Serret, o laboratório da rede, para discutir os "projetos", os diferentes dispositivos e práticas (Miguel, 2015 p.59).

É nessa disposição espacial que Deligny se insere com as crianças e alguns adultos. O papel dos adultos não é intervir, interpretar ou significar as ações das crianças, mas

---

<sup>7</sup> Deligny define uma tentativa como uma posição radical a se tomar, como algo próximo de uma obra de arte, no sentido em que ela deve inovar, fabricar um método que desvia o "fazer como" (*Cf. Ibid.* p. 135).

simplesmente registrar, mapear o agir desses indivíduos sem tentar mudar ou mesmo encontrar sentido nele. Os adultos eram chamados de “presenças próximas”, pois não passavam disso, estavam ali presentes, mas não interviam de forma alguma, a não ser quando muito necessário. As crianças eram livres para se movimentar dentro do território, os adultos faziam desenhos, mapas, desses movimentos. Estavam ali apenas com o intuito de deixar as crianças livres para existirem do seu jeito. Os movimentos e atitudes das crianças eram registrados, mas não vistos como uma mensagem a ser interpretada. É a partir dessa *tentativa* de Deligny que vamos buscar pistas na sua obra para pensar novas possibilidades de relações com as crianças autistas. Para tanto, pretendemos explorar a visão de sujeito e de autismo para o autor a partir de seu livro “O Aracniano e Outros Textos”.

## Desenvolvimento

Para entendermos a visão de autismo para Deligny, precisamos entender a sua visão acerca da humanidade. Deligny (2015) diz que o ser humano – ao menos em sua maioria – é atravessado pela consciência desde muito cedo, e no intuito de se comunicar com outro ser consciente de ser, cria signos em relação ao mundo, palavras que dão significado ao que a consciência percebe, através da linguagem. E da mesma forma, para o ser consciente de ser, todo agir deve ter um significado, um *querer agir* para *fazer* algo de forma *consciente*. O agir considerado inato ou instintivo na criança recém-nascida, é logo substituído pelo agir-fazer consciente que os adultos estimulam desde cedo. Deligny chama esse agir-fazer de “projeto pensado”.

Em contrapartida ao projeto pensado estaria o agir tácito a-consciente. Deligny usa a imagem de vários animais, mas principalmente o da aranha, que constrói sua teia com tamanha engenhosidade que, segundo ele, deixa muitos estudiosos de boca aberta pelo simples fato da aranha não ter intenção ou desejar fazer aquilo, ela apenas age. Mas ainda assim, ele aponta que o ser humano dá mais valor a um monte de caixas empilhadas por um macaco a fim de pegar uma banana no alto, do que a esses comportamentos a-conscientes de outros animais, pelo simples fato de que o macaco teve que querer e pensar para conseguir as bananas. Essa imagem é importante para Deligny nos mostrar a obsessão do humano consciente de ser pelo projeto pensado.

Esse modo de ser humano – cheio de signos e significados, consciente de ser, hipnotizado no projeto pensado e atravessado pelo querer – é o que Deligny chama de “o sujeito-que-somos”. O termo original usado por Deligny é o “homem-que-somos”. A palavra homem foi substituída por sujeito aqui, bem como em todas as citações, pelo fato de que mantém o mesmo sentido do conceito sem propagar a lógica patriarcal atrelada à palavra homem quando usada para universalizar o ser humano.

O sujeito-que-somos está no projeto pensado desde que tomou consciência de si e, justamente por isso, essa é única forma de ser que ele conhece e suporta como possível. Dessa forma, o sujeito-que-somos aplica a fórmula do projeto pensado a tudo e a todos, e

espera que as coisas dançam conforme sua música. O processo da colonização talvez seja o exemplo mais gritante disso, onde o colonizador, ao se deparar com outros povos, inicia uma empreitada de instauração do seu modo de ser sobre esses corpos que se tornam, então, colonizados.

Uma das características do sujeito-que-somos é a supervalorização da utilidade. No seu livro "O Aracniano e Outros Textos", Deligny utiliza exemplos do livro "Architecture Animale" de Karl von Frisch para expor suas ideias. No entanto, quando Karl (Apud Deligny, 2015, p. 41) diz que, na evolução das espécies, "somente o que é útil e mostra o seu valor pode manter-se e desenvolver-se por intervalos de tempo muito longos.", Deligny se vê obrigado a discordar:

O critério da utilidade tem por referência o projeto pensado, que diz respeito ao sujeito-que-somos "[...] os protozoários, animais primitivos e microscópicos, oferecem-nos a imagem de estruturas, formadas em seu protoplasma, que, na qualidade de esqueletos de proteção e suporte, preenchem do melhor modo possível funções vitais e, além disso, são de imensa beleza e diversidade de formas". Se o critério para a persistência fosse a utilidade, para que essa diversidade? Esses bons protozoários, que fabricam seu esqueleto por conta própria, chegariam à forma uniforme mais eficaz, mais útil – é o que está acontecendo ao sujeito perturbado e obcecado pela utilidade, que constitui o coroamento do projeto pensado (Deligny, 2015, p. 42).

Mas reduzir o que está fora do projeto pensado ao conceito de inatismo não é o intuito de Deligny. Nós, o sujeito-que-somos, atravessados pelo cometa da consciência, não temos acesso e nem sequer capacidade de entender isto que está fora. Não podemos nem mesmo pôr em signo, ao passo que as palavras e suas significações são o auge da manifestação da consciência. É aqui que entra a visão de Deligny sobre o autismo<sup>8</sup>. Para ele, o ser autista encontra-se totalmente fora do projeto pensado. Nesse fora que nós, acometidos pelo fenômeno da consciência e impregnados de querer, não conseguimos experienciar.

Seria um grande equívoco acreditar que o que não é dominado pelo querer corre o risco de ser aberrante; muito pelo contrário: é quando o querer tem carta branca que, num prazo mais ou menos curto, e com mais ou menos amplitude coletiva, a aberração espreita o sujeito-que-somos (Deligny, 2015, p. 106).

E é nesse lugar, nesse modo de ser, fora da ordem do simbólico, em contato direto com a realidade – sem a mediação da consciência de ser – que o fazer dá lugar ao mais puro agir. Entende-se que é esse lugar que Deligny chama de aracniano – que se contrapõe ao projeto pensado. A aranha tece sua teia assim como uma mão traça uma linha. Escrever é fazer, traçar é agir. Escrever está no projeto pensado, ao passo que traçar é aracniano.

---

<sup>8</sup> Conforme visto anteriormente, Deligny trabalhava com crianças que hoje seriam consideradas de grau 3 de suporte do espectro autista, portanto é a elas que o texto se refere.

O apreço pela utilidade das coisas e a incapacidade de imaginar outra forma de ser humano que não seja o do projeto pensado, faz o sujeito-que-somos ficar desconcertado frente àquilo que desafia o seu modo de ser no mundo. Ele logo tenta contornar tal fenômeno, ajustar-lhe ao projeto pensado e atribuir-lhe uma utilidade. É exatamente o que acontece na relação do sujeito-que-somos com o ser autista. A rede de Deligny vivia uma espécie de guerrilha à medida que lutava contra a atitude asilar do sujeito-que-somos em relação às crianças autistas. Ao invés de tomar essas crianças como "anormais", isolá-las e incentivá-las a tender à perspectiva da norma, a iniciativa de Deligny (2015, p. 70) buscava "um modo de ser que as permitisse existir, nem que para isso tivesse que modificar o nosso".

Crie uma aranha numa placa de vidro; talvez lhe venham esboços do tecer, mas no vazio, pois a placa de vidro é o vazio, simplesmente porque não há suporte possível, e os gestos da aranha, obstinadamente reiterados, exatamente os mesmos gestos que permitiriam tecer, tornam-se os tantos espasmos a preludiar a agonia do aracniano (Deligny, 2015, p. 40).

Para Deligny (2015, p. 107), existe a voz e existe a via. A via é a capacidade de emitirmos sons por meio de nossas cordas vocais, enquanto a voz é o instrumento que usamos para nos comunicarmos através de símbolos, ou seja, da linguagem. Na sua visão, o ser autista-não-verbal – que hoje caracteriza-se como grau 3 de suporte – não dispõe deste instrumento, embora as cordas vocais estejam presentes e funcionem, a voz de alguma forma o perdeu ou foi perdida. E no lugar deste instrumento perdido pelo desuso nasce outro que, segundo ele, não tem o intuito de substituir o que foi perdido e o qual nós, sujeitos-que-somos, somos incapazes de tocar:

E o uso desse instrumento faz do ser autista um ser ao qual nada faz falta. Para ele, a realidade é perfeita; satisfeito, ele já não pede nada, nem pergunta nada; e é justamente porque ele nada pede e nada pergunta que ele não percebe a resposta. Alguns dirão que isso é muito lamentável, se eu me fiar no destino reservado aos que são estrangeiros – mas estrangeiros à quem? A nós? Estrangeiros, antes, à linguagem, que se torna então a pátria do sujeito (Deligny, 2015, p. 108).

O sujeito-que-somos, tendo a linguagem como pátria e se considerando universal, coloca o ser autista numa posição de desajuste que precisa ser de alguma forma incorporada ao projeto-pensado. Deligny segue:

Se eu, sem me tomar como padrão, vejo viver o ser autista próximo quando ele olha uma gota d'água que desliza pelas pedras de um muro, parece-me evidente que ele não espera nenhuma outra coisa de nada nem de ninguém; muito menos de algum outro, outro do qual ele sempre pode temer que se meta no que não lhe diz respeito, inclusive em sua felicidade. Com tudo o que a voz pode permitir, ele não se importa nada (Deligny, 2015, p. 108).

É a partir dessa visão do ser humano autista que Deligny se insere na sua tentativa. Tentativa que ele também chama de rede. O conceito de rede para Deligny evoca tudo aquilo que escapa ao projeto pensado. Ele diz que ela não é da ordem simbólica. Ela é do plano tácito do aracniano. A rede existe por si só, e assim que tentamos encontrar uma utilidade para ela, ela desaparece. Nesta rede que se formou entre adultos (presenças próximas) e crianças autistas, o intuito era buscar uma “prática que excluísse de saída as interpretações referenciadas num código” diz Deligny (2015 p. 70), “não tomávamos as maneiras de ser das crianças por mensagens embrulhadas, cifradas, e dirigidas a nós”. Para tal, os adultos se viam constantemente lutando contra o projeto-pensado:

Cada área de estar é uma tela, estando entendido que se trata de uma tela de antes do quadro. Não existe nada ali, senão um espaço estendido. No entanto, certa parte da obra já está toda feita; há uns e há outros entre nós, alguns dos quais não dispõem da linguagem; agir lhes é costumeiro, ao passo que fazer lhes escapa. Foi-nos necessário abordar certa prática do não querer, nem que fosse por respeito ao que aparecia como uma evidência: que todo querer era um forçar, no sentido de que querer no lugar do outro, pelo modo da interpretação, é uma violação, assim como é uma violação pensar no lugar de – colocando-se no lugar, tomando o lugar, ocupando – uma aranha ou uma tartaruga ou tudo o que se quiser para quem nossa linguagem não é mais do que um ruído entre os ruídos (Deligny, 2015, p. 82).

A fim de evitar querer no lugar do outro – ou um forçar querer – Deligny e os outros adultos da rede abandonam o fazer do projeto pensado e se concentram no agir aracniano. Ao perceber a relação das crianças com a área espacial da rede, os padrões de alguns agires pelo território, e inspirado pelo puro agir aracniano dessas crianças que traçam caminhos que escapam o fazer do projeto pensado, Deligny propõe que os adultos se coloquem a traçar, em pequenos mapas improvisados, os movimentos dessas crianças pelas áreas da rede, que ele também chama de linhas de erro. *Traçar* esse que não tem por objetivo a análise ou interpretação do agir das crianças, mas sim chegar o mais perto possível do agir aracniano que escapa ao sujeito-que-somos.

## Considerações finais

O sujeito-que-somos experiencia o mundo sob as lentes da consciência de ser e do projeto pensado. O problema é que ele se vê como universal e como a própria essência do ser humano. Para Deligny (2015, p. 40), “se o humano é modo de ser em rede, bem se vê por que ele persiste com veleidade, como aquilo que falta ao sujeito-que-somos, mais do que como aquilo que o caracteriza.”



Seria possível pensar que o sujeito-que-somos, em certo sentido pertence a uma determinada ordem do simbólico, e nesse sentido talvez seja aceitável propor que necessitamos de um aprendizado complexo e iniciação prolongada para lidar com nosso modo de vida. Devemos, contudo, nos perguntar se essa ordem é a única possível. Se essa rotina e norma que se instaura para fazer possível o sujeito universal, precisa necessariamente se estabelecer em detrimento de outros ramos, ordens e formas de existência possíveis. Visto que o fato incontestável é que se instaura uma prática, por vezes chamada de a norma, ou o sujeito (Deligny, 2015).

E é importante lembrar que fazer de um indivíduo um sujeito, significa sujeitá-lo. Deligny nos propõe outra maneira de olhar para as crianças no espectro autista bem como para nós mesmos. Uma maneira menos egocêntrica – ou menos sujeito-cêntrica – de pensarmos a humanidade, e a partir dela podemos nos pôr a pensar maneiras menos intrusivas de relação com esses indivíduos que parecem vir para nos ensinar algo, que ainda não sabemos bem o que, e que talvez jamais saibamos por conta de nossa condição de vida em linguagem.

Para aqueles que, assim como eu, tomados pelo projeto pensado, ainda procuram aqui algo de útil para se relacionar com essas crianças, seria possível afirmar o “(...) fato de que suspender a compreensão abusiva assinala o início de um procedimento de melhor quilate” (Deligny 2015, p. 116). Talvez seja sobre parar de tentar colonizar aqueles que persistem em resistir à colonização. Parar de tentar acoplar tudo a um único modo de existência, mas sim criar espaços, condições de possibilidade, para que se instaurem novos modos de existir<sup>9</sup>, que se legitimam por si só. Nesse sentido, Pelbart (2014) sugere que não haveria espaço no trabalho de Deligny para passividade ou omissão. Trata-se, de limpar constantemente as lentes e o terreno para livrá-los do que separa o mundo entre sujeito e objeto, humano e animal, consciente e inconsciente, individual e social, para que algo além seja possível.

Trata-se de uma prática que se faz junto com o agir autista e não sobre o agir autista. Talvez devamos aprender com o modo de ser aracniano dessas crianças, mais do que tentar ensiná-las a viver no nosso delírio consciente ou torná-las úteis aos olhos do projeto pensado.

## Referências

ARAGON, Luis E. P. Deligny Clínico. **Cadernos Deligny** - v.1 n.1 (2018)

BORDIN, Tamara Maria. O saber e o poder: a contribuição de Michel Foucault. **SABERES**, Natal RN, v. 1, n.10, nov. 2014, 225-235.

---

<sup>9</sup> PELBART, Peter Pal. **Por uma arte de instaurar modos de existência que “não existem”**. 31ª Bienal de São Paulo - Como pensar sobre coisas que não existem. 2014.

DELIGNY, Fernand. **O Aracniano e Outros Textos**. Tradução: Mara de Malimpensa. São Paulo, n-1 edições, 2015 - pp. 288

MIGUEL, Marlon. Guerrilha e resistência em Cévennes: a cartografia de Fernand Deligny e a busca por novas semióticas deleuzo-guattarianas. **Revista Trágica: Estudos de Filosofia da Imanência**, v. 8, n. 1, p. 57, 1º quadrimestre de 2015.

INSTITUTO INCLUSÃO BRASIL. DSM-5 TR E CID-11 – **Diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista**. Disponível em: <https://institutoinclusaobrasil.com.br/dsm-5-tr-e-cid-11-diagnostico-de-transtorno-do-espectro-autista/> . Acesso em 28 de julho de 2025.

MIGUEL, Marlon. OS DOIS LADOS DA INQUISIÇÃO: FERNAND DELIGNY, ENSAIOS DE UMA TENTATIVA PEDAGÓGICA. **Revista Ao Largo**, 2015. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/25314/25314.PDF>

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. **Transtorno do Espectro Autista**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/transtorno-do-espectro-autista> . Acesso em 24 de abril de 2023.

PELBART, Peter Pal. **Por uma arte de instaurar modos de existência que “não existem”**. 31ª Bienal de São Paulo - Como pensar sobre coisas que não existem. 2014.

SOUZA, Amândio Rabelo de. GONÇALVES, Dalila Mateus. CUNHA, Daniele R. da Silva. **TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UMA INTRODUÇÃO**. SEMINÁRIO CIENTÍFICO E CULTURAL DA AJES. FACULDADE DO NORTE DE MATO GROSSO - Ano 2019.

A Revista Interdisciplinar Sulear declara que os(as) autores(as) são responsáveis pela revisão textual, tanto da Língua Portuguesa, das línguas estrangeiras e das normas e padronizações vigentes.

Recebido em: 4/12/2023

Aprovado em: 10/9/2025